

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A PROPÓSITO DO NOME ACHALE OU ACALE DA ORA MARITIMA DE AVIENO.

FERREIRA, Fernando Bandeira

Ano: 1959 | Número: 69

Como citar este documento:

FERREIRA, Fernando Bandeira, A Propósito do nome achale ou acale da Ora Maritima de Avieno. *Revista de Guimarães*, 69 (3-4) Jul.-Dez. 1959, p. 437-444.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A propósito do nome *Achale* ou *Acale* da *Ora Maritima* de Avieno

Pelo Dr. FERNANDO BANDEIRA FERREIRA
Bolsheiro do Instituto de Alta Cultura

Na sessão do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, de 12 de Março de 1958, apresentou o Dr. Fernando Castelo Branco uma interessante comunicação intitulada *Interpretação dum Trecho da Ora Maritima de Avieno*.

Tive a honra de lhe fazer um comentário, durante o qual sugeri a possível relação etimológica *Achale* < *Ἀχάλι*, sendo o primeiro destes vocábulos o nome próprio ou o epíteto de uma ilha referida no v. 184 do poema *Ora Maritima* de Festo Avieno.

No mesmo comentário, referi-me com palavras depreciativas à tese ou hipótese de *Achale* estar na origem do nome *Galé*, incluso na expressão toponímica portuguesa *Costa da Galé*, pelo que se levantou animada e interessante discussão.

Como me parece assunto de certa importância, visto a *Ora Maritima* ser um dos principais «fontes Hispaniae antiquae», volto agora a estudá-lo com maior desenvolvimento.

Antes, porém, desejo apresentar os meus agradecimentos ao Dr. Justino Mendes de Almeida que, não só teve a bondade de pôr à minha inteira disposição a sua biblioteca de filologia clássica, como sacrificou parte do seu precioso tempo a discutir comigo vários problemas de linguística grega e latina, que eu sucessivamente lhe fui propondo.

I

Entrando no assunto, direi, antes de mais, que continuo a considerar legítima a proposição da hipótese *Achale* < *Ἀκαλή*, sendo este vocábulo a forma feminina do nominativo do singular do adjectivo *ἄκαλός, ἡ, ὄν*. E parece-me interessante notar que, no *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris, 1934, de Félix Gaffiot, aquele topónimo venha registado sob a forma *Acale* que é um perfeito decalque do adjectivo citado.

Aliás, no comentário à comunicação do Dr. F. Castelo Branco, eu já tinha mostrado que a passagem do *z* ao *ch* latino não constituía obstáculo intransponível, citando então *sepulcrum* | *sepulchrum* e *lacrima* | *lachrima*, a que acrescentarei, agora, *baccanal* | *bacchanal*, *Chauci* | *Chauci* | *Cayci*, *Graccuris* | *Gracchuris* e *pulcer* | *pulcher* que mostram o uso alternado de formas aspiradas e não-aspiradas no latim de determinada época.

Além disso, nos vv. 183-184 da *Ora Maritima*, lê-se: «...subiacet...insula | *Achale vocata ab incolis...*» (1). Ora, *insula* corresponde ao substantivo grego feminino —note-se— *νησος, ον*. Sabendo nós que, na base do poema, estiveram um ou mais périplos muito antigos de origem helénica —um dos quais seria massaliota e talvez da primeira metade do século VI—, não me parece indefensável admitir que «*Achale insula*» seja uma tradução parcial de «*Ἀκαλή νησος*», expressão que significa «ilha Silenciosa», «ilha Doce» ou ainda «ilha Tranquila», a qual lhe teria sido dada pelo silêncio que nela reinava, pela doçura do seu clima ou pela tranquilidade das suas águas (2). *Ἀκαλή* seria, portanto, uma designação *ex virtute*, fenómeno tão corrente na toponímia de todas as épocas e de todo o Globo que me abstenho de citar exemplos.

(1) Cf. Avieno, *Ora Maritima*, ed. comentada de A. Schulten, in *Fontes Hispaniae Antiquae*, I. Barcelona-Berlin, 1922, p. 62.

Sobre o poema é também muito útil a leitura do estudo de A. García y Bellido, *La Colonización Griega*, in *Hist. de España*, dirigida por Menéndez Pidal, t. II, vol. I. Madrid, 1952, pp. 540-550 e 555-557.

(2) Qualquer destes nomes conviria à Tróia de Setúbal, no caso de ser esta península a ilha do poema de Avieno.

Dir-se-á: mas *Achale* ou *Acale* não pode ser um vocábulo grego, porque Avieno declara explicitamente «vocata ab incolis». A este argumento objectarei que a frase citada tem sido considerada mera interpolação posterior ao périplo-base, sem valor documental, da autoria ou do próprio poeta ou de um escritor desconhecido (1).

Mas, mesmo que de interpolação se não tratasse, ainda seria legítimo perguntar se esses *incolae* que chamavam *Achale* à sua ilha não seriam eles mesmos helenos. Quem nos garante que um povo que tantas colónias fundou nos litorais hispânicos do Mediterrâneo, não tenha erguido também alguns entrepostos comerciais na costa atlântica, que, por pequenos e efémeros, não deixaram vestígios arqueológicos notáveis (2)?

Convém recordar que, durante o domínio romano, numerosíssimos indivíduos de nome indiscutivelmente grego habitaram a região que hoje designamos por Algarve, a área de Olisipo e a cidade sepultada na península da Tróia, com que se tem identificado a *Achale* de Avieno. E, se estas regiões atraíram tanto os helenos dos sécs. I a IV d. C. (3), por que não teriam atraído também os seus antecessores do séc. VIII a. C. em diante?

Quem levou para Alcácer o material grego encontrado na necrópole sidérica do Senhor dos Mártires? Os Cartagineses? Quem o pode garantir?

Outro argumento contra a hipótese que defendo: *ἁκαλός*, ἡ, ὅν parece ser um vocábulo muito tardio, já do grego medieval, porque só se encontra no comentador de Homero, Eustácio de Constantinopla, que viveu no séc. XII (4).

(1) Cf. comentário de Schulten à sua ed. da *Ora Maritima*, pp. 42-43 (e também 56 e 62).

Já antes deste autor, o nosso Leite de Vasconcelos escrevera nas *Religiões da Lusitania*, II, p. 18, nota 1: «...mas é manifesto que *ab incolis* não passa de mera redundância poética.»

(2) Notarei que a exploração arqueológica sistemática do litoral português está ainda por fazer. Nas escavações até hoje realizadas na própria Tróia, nunca foram atingidas camadas pré-romanas. O mesmo creio ter sucedido nas estações do litoral algarvio.

(3) Sobre este ponto, cf., por exemplo, E. Albertini, *Les étrangers résidant en Espagne à l'époque romaine*, in *Mélanges Cagnat*, Paris, 1912, pp. 297 e sgs.

(4) Cf. Bailly, *Dict. grec-français*. Paris, 1950, p. 55, s. u.

Trata-se, contudo, de um argumento sem qualquer valor, porque o facto de uma palavra só ser documentável por um texto de uma determinada época não implica que não tenha sido usada muito antes. Ora, sucede que o adjectivo em causa está justamente nessas condições, visto que, já nos poemas homéricos, se encontra o seu composto 'ακαλαροείτης, αο (1), e, em Orfeu, 'ακαλάροος, οος, οον, (<'ακαλός, ζέω). Note-se igualmente a forma dórica do elemento 'ακαλα- nestes dois vocábulos. E, apesar de *Achale* nos sugerir o período da colonização focaico-massaliota, creio que deva ser confrontado com os topónimos 'Ακαλησσός e 'Αγαλασσός (2), onde encontramos as terminações -ησσος e -ασσος, muito frequentes em topónimos micrasiáticos (especialmente cáricos) e das ilhas mais ou menos próximas (Rodes, Creta, etc.) (3). A primeira aparece ainda em um nome célebre da Hispânia antiga: Ταρτησσός. Ora, há fortes motivos para crer que, talvez entre as talassocracias ródico-calcídica e focaica, cários e mísios, nos seus robustos πεντηκόντοροι, aportaram às praias ibéricas e mauritânicas.

E, para terminar este ponto, façamos ainda uma pergunta: que sabemos nós do léxico dos périplos gregos dos sécs. VII e VI?

Afirmar-se-á ainda: no v. 108, menciona Avieno uma «sacra insula», traduzindo aqui integralmente uma expressão que será, com grande probabilidade, «ἡ ἱερῆ (= ἱερὴ) νῆσος». Também este argumento me parece relativamente fraco, porque a circunstância de ele ter feito

(1) Cf. H 422 e τ 434. V., a este respeito, É. Boisacq, *Dict. étym. de la langue grecque*. Heidelberg-Paris, 1916, p. 34, s. u.; Bailly, *ob. cit.*, pp. 54-55, s. u.; Hofmann, *Etymologisches Wörterbuch des Griechischen*. München, 1950, p. 9, s. u.; e H. Frisk, *Griechisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, 1954, p. 50, s. u.

(2) Citados por Grasberger, *Studien zu den griechischen Ortsnamen*. Würtzburg, 1888, § 10, pp. 298 e 301 (nesta página, aparece também a forma 'Ακαλισσός que deve ser gralha tipográfica, pois não figura no índice da obra).

(3) V. o cit. § do estudo indicado de Grasberger, e A. Schulzen, *Tartessos*. Madrid, 1945, pp. 42, 43 e 51.

Direi, contudo, que as terminações referidas, juntamente com as suas correspondentes -ηπιος e -απιος, também aparecem na Hélade Continental, na Calcídica, etc. Os colonos gregos levaram-nas igualmente para a Sicília.

tradução integral num passo, não implica tradução integral noutros. A prova de que Avieno não adoptou um critério único reside no facto de ele empregar no v. 419 a forma alatinizada *Chrysus* (< χρυσοῖς) para designar um rio, sem efectuar a respectiva tradução, procedendo de igual maneira em relação a *Cherronesus* (< χερρόνησος < χερσόνησος), embora tivesse à sua disposição a palavra latina, talvez decalcada do grego, *paeninsula* < *peninsula*, usada pelo menos desde o séc. I a. C. Vem muito a propósito notar que *Cherronesus* é, em Avieno, acompanhado do epíteto (*ex virtute*) *cassa*: «ad usque cassae (C)herronesi terminos.» (1), tradução também *parcial* de uma expressão que poderia ser, em nominativo, «ἡ ἔρημος χερρόνησος».

Em resumo: assim como Avieno não traduziu *Χρυσοῖς* e *Χερρόνησος*, assim igualmente não teria efectuado a tradução de *ἀκαλί*.

Examinando, pois, o assunto com alguma atenção, verifica-se que nada há que impossibilite a origem grega de *Achale*. Aliás esta já teria sido implicitamente admitida por bons especialistas, como o citado Gaffiot, que deram ao vocábulo a flexão comum dos nomes helénicos que transitaram para o latim: *Achale* | *Acale*, *es*, como *Alcmene*, *es*, *Bacche*, *es*, *epitome*, *es*, *grammaticae*, *es*, *musicae*, *es*, *nymphae*, *es*, etc., etc. (2)

De resto, pelo que atrás vimos, a presença de um topónimo grego no litoral ibérico, nestas épocas remotas, nada tem de anómala.

Acrescentarei que a grande semelhança entre Ἀκαλί e *Acale* | *Achale* não se resume apenas aos fonemas: comparem-se as quantidades silábicas e verificar-se-á mais um impressionante paralelismo: os *aa* do primeiro vocábulo são breves, enquanto, por necessidade da métrica, os *aa* de *Achale* têm idêntica quantidade. Avieno escreveu o seu poema em senários jámbicos, pelo que o primeiro pé do v. 184 tem obrigatoriamente a seguinte configuração: ο ο —.

Não terminarei a primeira parte do presente artigo sem considerar outra possível origem de *Achale*: Καλί.

(1) Cf. v. 491.

(2) Schulten, todavia, não inclui *Achale* na lista dos nomes gregos do poema, que apresenta na sua ed. do mesmo, a pp. 6-7.

Não é difícil, no mundo helénico, encontrar expressões toponímicas em que entre este adjectivo. Sirvam de exemplo *Καλή ἄκρα*, *Καλή ἄκτις*, *Καλή κόμη*, *Καλή Περίκη*, etc. (1). *Achale insula* poderia ser, pois, uma adaptação e tradução para latim de «*Καλή νῆσος*», expressão muito semelhante às acima citadas.

Contudo, esta hipótese é menos aceitável do que a que anteriormente defendi, porque implica a adição de um *a*, protético, ao vocábulo grego original.

II

Quanto à opinião de Alfred Klotz, registada por A. Schulten (2), de o vocábulo *Achale* subsistir no topónimo *Costa da Galé*, que designa o troço do litoral português ao sul do estuário do Sado (3), parece-me simplesmente fantasiosa e resultante do imperfeito conhecimento do nosso idioma por parte daquele comentador germânico; ele, como aliás Schulten, pensava que era *Costa da Gale* (paroxítono) (4).

Ora, na referida expressão, *Galé* tem a maior probabilidade de ser o nome da embarcação muito usada no nosso país da 1.^a Dinastia em diante, o qual parece vir do fr. ant. *galée* (5). E tão usada foi que o seu nome aparece, com bastante frequência, na toponímia costeira

(1) Cf. Grasberger, *ob. cit.*, pp. 274-275.

(2) Cf. ed. cit. da *Ora Marítima*, p. 93. V. também p. 17.

(3) Os limites dessa costa são bastante vagos, pelo que dou a sua localização deste modo também pouco preciso. Por exemplo, na *Carta Litológica Submarina do Cabo Raso ao Cabo de Sines*, ed. do Ministério da Marinha. Lisboa, 1928-1948, designa-se por essa expressão a parte da costa a W. da aldeia da Comporta, enquanto no *Plano Hidrográfico de Sesimbra a Setúbal*, ed. do mesmo Ministério. Lisboa, 1935-1957, se situa a referida costa mais para o norte.

(4) Leite de Vasconcelos, como não podia deixar de ser, repudiou a relação etimológica *Achale* > *Galé* (cf. ed. cit. da *Ora Marítima*, p. 93). Quanto a Schulten, ele não tomou explicitamente, que eu saiba, posição perante o problema, embora escrevesse sempre *Gale*, o que parece demonstrar que, pelo menos em 1922, ignorava o carácter oxítono do vocábulo (cf. ed. cit. da *Ora Marítima*, pp. 17 e 93, e mapa).

(5) Cf. J. P. Machado, *Dic. Etimológico Português*. Lisboa, s/data, pp. 1059-1060, s. u. Cf. port. med. *galée*, em documentos de 1294, 1360, etc., *galé* (1386), *galle* (1387) e *gallé* (1387).

portuguesa. Por exemplo, a aldeia da Galé (Caminha), o pesqueiro da Galé (península de Peniche), as povoações de Galés e de S.^{to} Estêvão das Galés (Mafra), a ponta e o forte da Galé (Cascais), o boqueirão da Praia da Galé, pequena artéria de Lisboa, que faz supor a existência, em tempos idos, de uma praia da Galé nesta cidade, a travessa da Galé (Junqueira-Lisboa), o Alto da Galé (perto da lagoa de Albufeira), a aldeia da Galé (Odemira), os casais da Galé de Cima, da Galé do Meio e da Galé de Baixo (todos no concelho de Aljezur), a Pedra da Galé, rochedo ao largo da Carapateira (Algarve), a praia da Galé (Armação de Pera) e, sobretudo, *outra* Costa da Galé, pequena parte do litoral a E. S. E. de Sines (aproximadamente a 37° 56' lat. N. e O° 18' long. E. Lisboa) (1).

E, no grupo da Madeira, onde não há topónimos de origem grega antiga, encontramos a ponta da Galé ou da Galera (Madeira) e a Baixa da Galé, baixio junto de Porto Santo.

Aliás, designar um acidente de litoral pelo nome de uma embarcação ou de partes de embarcação é fenómeno corrente no mundo inteiro: em Portugal, além dos topónimos já citados, encontramos o monte da Galeota (Ferrel), o casal da Galeota (lagoa de Óbidos), o Porto das Barcas (Lourinhã), o pesqueiro do Muro da Galera (Ericeira), a Pedra da Nau (Cascais), a ponta do Navio (Costa do Sol), as praias da Areia do Mastro e da Baleeira (Sesimbra), a ribeira e a quinta da Rasca (Setúbal), a angra do Navio do Trigo (V. N. de Milfontes), pelo menos duas pontas da Baleeira (uma em Sagres e outra em Albufeira), o forte da Baleeira (Sagres), o sítio do Galeão (Madeira), a Baixa do Galeão (restinga ao largo da mesma ilha), etc., etc. (2).

(1) Cf. *Carta Corográfica de Portugal na escala de 1:50.000*, ed. do I. G. C., fol. n.º 42-C. Lisboa, 1948, e *Carta Litológica* cit.

(2) Fora da Metrópole, cito, ao acaso, a ilha da Caravela (Guiné Portuguesa), o golfo e a aldeia de Galeria (Córsega), a ponta de Sette Nave (Córsega), a ponta Galera (Valdivia, Chile), a ponta Canoas (Baixa Califórnia, México), o Ship Island (Estado de Mississippi, E. U. A.), o cabo da Gávea, a praia e a vila do Galeão (todos no Distrito Federal, Brasil), a ponta das Barcas (ilha de Pinos,

Acresce que seria muito estranho que um topónimo que surge, que se saiba, apenas num périplo muito antigo e depois num poema do séc. iv d. C., e que parece ter sido ignorado por Estrabão, Plínio, Ptolemeu, etc., fosse reaparecer, embora modificado, na época portuguesa.

E, finalmente, como poderia um proparoxítono latino dar um oxítono português?

Se vamos para o campo das hipóteses frágeis, então também eu poderia, dando largas à fantasia, admitir que *Galé* na expressão toponímica indicada, proviria de *جال*, vocábulo que significa «deserto» em árabe da Mauritânia... (1). E havemos de convir que a Costa da Galé não é muito povoada!

Terminando: creio legítimo pôr como hipótese — a apenas como hipótese, conforme vinquei no meu comentário à comunicação do Dr. F. Castelo Branco —, e relação etimológica *Ἀκαλή* > *Acale* | *Achale*.

Cuba), o rochedo da Caravelle e a baía do Galion (Martínica), a ponta da Galeota (Trindade), etc.

Quando os Portugueses efectuaram o descobrimento da costa africana ao sul de Marrocos, designaram vários acidentes do litoral ou do interior mas visíveis do mar, por nomes de navios ou de instrumentos relacionados com a actividade marítima. Recordarei alguns apenas: o rio das Âncoras, a praia, a ponta e a angra das Almadias, a Pedra da Galé, o cabo da Verga, o cabo das Redes, o cabo dos Mastros, etc. (Cf., por exemplo, *Os mais Antigos Roteiros da Guiné*, ed. da Acad. Port. da História. Lisboa, MCMLII, pp. 6, 8, 10, 11, 24, 25, 47, 50, 53, 54, 62, 65, 75, 76, 89, 95, 98 99, 126, 127, etc.).

(1) Cf. Albert Leriche, *Terminologie géographique maurse* St. Louis-Sénégal, 1955, p. 43.